Capítulo 97
O bloco capitalista

Terminada a II Guerra Mundial, os Estados Unidos consolidaram sua posição de líder absoluto do mundo capitalista. Os principais países da Europa, por sua vez, ao mesmo tempo que superavam as dificuldades do pós-guerra, conseguindo retomar suas atividades econômicas, enveredavam na busca da unificação de suas economias.

1. Os Estados Unidos

A preponderância dos Estados Unidos em quase todo o mundo teve início após a I Guerra Mundial. A II Guerra acentuou essa tendência. Sua hegemonia manifestou-se principalmente no campo econômico, onde chegaram a ocupar o primeiro lugar na produção de vários produtos agrícolas, minerais e industriais. Seu comércio estendeu-se praticamente a todas as nações do mundo.

Seus capitais afluíram para grande número de países, onde foram investidos nas mais diferentes atividades lucrativas: na exploração de minérios e petróleo, nas indústrias de base e de transformação, nas atividades comerciais, atraindo para os Estados Unidos enormes somas sob a forma de remessa de lucros. O regime político americano é liberal e democrático, preservando a liberdade individual, a liberdade de expressão e a liberdade religiosa, considerados como valores fundamentais do ser humano. Com base no princípio do sufrágio universal, exercitado em eleições livres e periódicas, prevalece o direito a um mínimo de bem-estar social. Dentre as questões pendentes, permanece o problema racial, das drogas, da criminalidade e da disputa comercial com o Japão.

O capitalismo americano

Fundado sobre o princípio da livre empresa, desde 1880 o capitalismo americano sofreu profundas transformações. O sistema de concorrência entre as empresas foi substituído por poderosos monopólios, inaugurando a era do capitalismo monopolista, representado pelas corporações tentaculares com seus edifícios-sede majestosos, que corporificam o próprio êxito econômico.

O resultado foi a formação de fortunas fantásticas, como a dos Rockefeller, Morgan, Carnegie, Ford, etc., geralmente acumuladas a partir da ruína de pequenas empresas, sendo que as leis antitruste quase nada ou nada conseguiram fazer para deter o processo de concentração de capital. As grandes corporações continuaram a crescer, como a General Motors, a U. S. Steel e a General Electric. Na década de 60, apenas 35 trustes detinham 45% da riqueza industrial da nação; apenas oito grandes trustes detinham 60% do capital ativo de 26 indústrias essenciais norte-americanas. Porém, se o poder econômico pertence a poucos grupos, a propriedade desses grupos está dividida entre milhões de acionistas, que dão às empresas uma certa base popular.

A economia americana depois da II Guerra

Em 1945, quando já se vislumbrava o fim da II Guerra Mundial, os governantes norte-americanos prepararam-se para enfrentar os problemas que seriam criados pela desmobilização dos exércitos, que traria de volta cerca de oito milhões de soldados, para os quais seria necessário encontrar emprego. Onde iriam trabalhar? Além disso, as indústrias teriam de voltar a um ritmo normal de trabalho, reduzindo o número de empregos disponíveis, situação esta ainda agravada pela concorrência do trabalho feminino. Do ponto de vista técnico, restava também o problema de readaptar, para a fabricação de produtos de consumo normais, muitas indústrias voltadas para a produção de produtos bélicos.

Mas a repetição da crise de 1929 não ocorreu. Cresceu a procura de bens de consumo, principalmente de automóveis, comprados com o dinheiro economizado durante a guerra, quando havia poucos produtos para comprar. Ao aumento da procura interna veio somar-se o crescimento do mercado externo, pois os países arrasados pela guerra, financiados pelo Plano Marshall, passaram a comprar grandes quantidades de produtos e equipamentos para reorganizarem suas indústrias. Assim, a prosperidade americana,

nessa época, chegou a tal ponto que não tinha paralelo na História.

A sociedade de consumo americana

A criação de um poderoso mercado consumidor nos Estados Unidos fez com que a produção dependesse cada vez mais da ampliação do poder aquisitivo do povo norte-americano, estimulando-se o aumento dos salários e o consumo de bens supérfluos. Por volta de 1950, 75% das famílias norte-americanas possuíam automóvel, telefone e aparelho de televisão; 90% possuíam rádio e geladeira.

Nesse contexto, a propaganda adquiriu um papel importantíssimo. O gosto dos consumidores foi estudado a fundo e o lançamento de novos produtos passou a exigir ampla pesquisa de mercado. A televisão, por sua vez, passou a desempenhar papel decisivo na formação do gosto dos consumidores.

Com o desenvolvimento da chamada *sociedade de consumo*, a estrutura da sociedade capitalista tornou-se mais complexa. Já não é possível decompô-la apenas em proprietários dos meios de produção e assalariados. As grandes corporações acabaram por criar uma camada social identificada com os interesses da empresa, recebendo altos salários. São os administradores do capital, que, por sua vez, constituem uma camada social com grande capacidade de consumo, pois os seus rendimentos variam em função do lucro da empresa e não dos salários.

As repercussões sociais do progresso econômico

O nível de renda média da população norte-americana se elevou muito. As grandes fortunas continuaram aumentando, o grupo de pessoas de renda média cresceu, a pobreza diminuiu, sem chegar a desaparecer.

Contudo, o crescimento da taxa de inflação provocou a alta dos preços, tornando mais difícil a situação dos trabalhadores.

O declínio do poder aquisitivo dos salários levou os sindicatos a uma atuação agressiva, ocorrendo, apenas em 1946, 5 mil greves que envolveram 4,5 milhões de trabalhadores. Para enfrentar essa situação, o Congresso aprovou a *Lei Taft-Hartley*, de 1947, que diminuía sensivelmente o poder dos sindicatos. Por outro lado, o desenvolvimento tecnológico estimulou a produção em massa e a disponibilidade de bens tornou a sociedade mais homogênea. Acreditava-se na existência de uma sociedade aberta, dotada de infinitas possibilidades de ascensão econômica. Tal idéia escondia, contudo, a existência real de milhões de norte-americanos pobres — tanto brancos quanto negros —, que de forma alguma partilhavam da prosperidade dos cidadãos brancos de classe média. A questão racial permanecia insolúvel: a segregação mantida nas escolas e a sua abolição não se fariam de modo pacífico, explodindo em violentos conflitos.

A estrutura social norte-americana

O sistema capitalista nos Estados Unidos garante à maioria da população um nível de vida elevado, comparativamente a outras partes do mundo. Grande número de americanos, porém, vive na miséria, especialmente entre a população negra. Os negros representam 10% da população, concentrados nos estados do sul e nas grandes cidades do norte e oeste, onde vêm à busca de trabalho e de melhores oportunidades. Sofrem uma dupla segregação: racial e social. São sempre relegados a empregos inferiores e os primeiros a serem despedidos em períodos de recessão. A administração federal luta contra a segregação com o apoio da Corte Suprema, mas encontra forte resistência no sul, sobretudo nos meios mais modestos. A grande novidade na questão é a tomada de consciência pelos negros de sua situação. Eles têm exigido igualdade racial através de manifestações não violentas e disciplinadas, como a "Marcha de Washington", de 1963. Alguns grupos buscam refúgio na religião muçulmana.

Na verdade, os negros formam uma grande parcela da sociedade americana, destituída de direitos civis verdadeiros. Eles são os "esquecidos da prosperidade". Sua renda corresponde em média a 58% da renda dos brancos. À desigualdade econômica juntam-se velhos preconceitos racistas, amenizados durante a guerra, mas posteriormente retomados com força. O resultado foram as violentas explosões raciais de 1965 na Califór-

nia. A luta enérgica da legislação federal contra a discriminação racial conduziu nos anos 70 a uma certa distensão nas relações entre negros e brancos. Permanecem, contudo, imensos guetos negros nas grandes cidades, como o Harlem de Nova York, que reúne 1 milhão de pessoas em condições de subsistência abaixo da média condizente com a decantada prosperidade americana.

Nos anos 60 intensificou-se a crítica à sociedade de consumo nos Estados Unidos, insistindo os críticos na necessidade de atentar para a qualidade dos produtos e não apenas para a quantidade. Uma forma de contestação foi o movimento *hippie*, caracterizado pela formação de pequenas comunidades, onde as necessidades se reduziam a um nível muito abaixo dos padrões da sociedade de consumo, restringindo-se o trabalho ao mínimo necessário para garantir a sobrevivência, se possível através do artesanato. Outras formas de contestação surgiram, como a literatura e o cinema *underground* (marginal), ou o marxismo, muito pouco familiar aos americanos. A contestação originava-se sobretudo dos estudantes universitários, particularmente da Universidade de Berkeley, na Califórnia, durando esses movimentos de protesto até 1974. As razões dessa onda contestatória são difíceis de analisar: conflito de gerações, decepção diante da sociedade de consumo, inquietação diante do futuro, reflexos da Guerra do Vietnã...

A contestação estudantil estava em refluxo no ano de 1970; se os movimentos contestatórios continuavam, se os intelectuais insistiam em suas pregações críticas, tudo isso não se traduzia em votos para os candidatos que, eventualmente, pretendiam representar essas minorias.

A evolução política dos Estados Unidos

Os Estados Unidos possuem a mais antiga Constituição escrita em vigor (1787). O Poder Legislativo é formado pelo *Senado* (cem membros, dois por Estado, eleitos por seis anos, com renovação de um terço do total a cada dois anos) e pela *Câmara dos Deputados* (435 membros, com mandato de dois anos). O *Poder Judiciário* é representado pela Corte Suprema (nove juízes vitalícios), que vela pela constitucionalidade das leis, interpreta a Constituição e tem grande influência na evolução do Direito. O *Poder Executivo* é exercido pelo presidente, eleito por quatro anos, e que nomeia os secretários (ministros) de Estado. A força dessa democracia liberal está no grande equilíbrio entre os poderes.

Os partidos políticos americanos não têm uma verdadeira base ideológica, pois resultam da coalização de interesses muitas vezes díspares. O *Partido Republicano* agrupa os empresários, os fazendeiros do meio-oeste, a alta classe média. O *Partido Democrata* integra elementos mais populares, tais como profissionais liberais, intelectuais, professores, estudantes, operários dos grandes centros industriais, trabalhadores agrícolas do oeste, minorias étnicas não inteiramente integradas (italianos, irlandeses), negros, católicos, judeus, bem como populações das regiões mais conservadoras e racistas do sul.

A política interna a partir de 1945

Dada a enorme importância adquirida pelos Estados Unidos em todo o mundo, torna-se muito difícil separar completamente a evolução de sua política interna dos problemas externos. O presidente **Harry Truman** (democrata, 1945-1953) desenvolveu a política do *Fair Deal* (Acordo Justo), pela qual manteve o controle do Estado sobre o capital, aumentou a participação dos trabalhadores na renda nacional e permitiu o avanço do sindicalismo, apesar da Lei Taft-Hartley de 1947, que regulamentava o direito de greve.

As tensões da guerra fria começaram a afetar a política interna dos Estados Unidos, dando margem ao surgimento de movimentos anticomunistas. A caça aos comunistas, ou pretensos comunistas, criou uma era de horror no país; foi conduzida pelo senador MacCarthy, líder de um movimento de tendências fascistas que ficou conhecido como *macarthismo*. Exatamente nesse contexto transcorreu a eleição presidencial de 1952, vencida por **Dwight Eisenhower** (republicano, 1953-1961). A guerra fria estava no seu auge. Um dos episódios mais típicos dessa fase foi a Guerra da Coréia (1950-1953) (veja página 314). O grande problema de Eisenhower, porém, era a questão racial. Entre 1957 e 1960, o Congresso foi levado a aprovar duas leis relativas aos *direitos civis*. O movimento negro ganhou intensidade. Suas armas eram, em geral, pacíficas: marchas de protesto e boicotes organizados. O

movimento adquiriu um caráter mais violento com a migração dos negros em direção às cidades do nordeste e do meio-oeste, onde o excesso de população e o imenso contingente de desempregados transformavam os bairros negros em verdadeiros guetos.

Apesar da conduta insatisfatória em relação aos problemas internos, Eisenhower conseguiu reeleger-se em 1956.

O lançamento do *Sputnik,* primeiro satélite artificial (4 de outubro de 1957), feito pela União Soviética, seguido do vôo espacial do major Yuri Gagarin (1961), levou os Estados Unidos a fazerem enormes investimentos na corrida espacial que então se iniciava. O lançamento dos satélites norte-americanos *Vanguard* e *Explorer*, em 1958, agravaram terrivelmente o déficit orçamentário, um dos maiores da história dos Estados Unidos, e desmoralizaram o governo republicano. Isso deu margem ao crescimento da campanha política dos democratas, que tinham agora um jovem dinâmico e capaz de atrair a atenção do eleitorado pelo seu enorme carisma: **John Kennedy** (democrata, 1961-1963).

A campanha eleitoral de Kennedy foi um marco na história norte-americana. Uma de suas características mais marcantes foi o emprego sistemático da televisão, que influiu decisivamente no resultado das eleições. Chegava ao fim a típica campanha presidencial feita até então à base de comícios nas cidades localizadas nos principais entroncamentos ferroviários. Foram intensamente utilizadas técnicas de pesquisa de opinião pública, para orientar o candidato a propósito dos temas que mais sensibilizavam a população.

O programa de Kennedy prometia aos norte-americanos uma "nova fronteira". Entretanto, sua luta contra a pobreza e a segregação racial, a opção pelos menos favorecidos da sociedade encontraram viva oposição no Congresso, que vislumbrava nesse programa um "socialismo nascente".

Numa decisão infeliz, Kennedy resolveu, em 1961, apoiar refugiados cubanos que, organizados e treinados pela CIA, tentaram desembarcar na baía dos Porcos, em Cuba, com a finalidade de pôr fim ao regime socialista de Fidel Castro. Cuba recebeu imediatamente apoio soviético, através da construção de bases para lançamento de mísseis. Kennedy mandou bloquear a ilha e quase levou o mundo à guerra, não fosse o recuo soviético ao desmontar as bases. Kennedy também ampliou o envolvimento norte-americano no Vietnã, fornecendo material bélico aos sul-vietnamitas e mantendo no Vietnã do Sul "observadores ou conselheiros" (sobre a Guerra do Vietnã, veja página 372).

No dia 22 de novembro de 1963, quando desfilava em carro aberto pela cidade de Dallas, no Texas, Kennedy foi morto com dois tiros, aparentemente disparados por Lee Harvey Oswald. Este foi preso e entregue à polícia, sendo igualmente assassinado em condições espetaculares, diante das câmeras de televisão, por Jack Ruby, quando era transferido para outra prisão. Até hoje paira um manto de mistério sobre o assassinato de Kennedy, ainda não devidamente elucidado.

Para completar o mandato de Kennedy assumiu o vice-presidente **Lyndon Johnson** (democrata, 1963-1968), que foi reeleito em 1964. Com ele ampliou-se a participação americana na Guerra do Vietnã. Entretanto, os gastos em dinheiro e a morte de soldados americanos tornavam a guerra impopular nos Estados Unidos. Internamente, Johnson conseguiu implementar muitas das leis de caráter social de Kennedy. Seu programa, que garantia assistência médica a pessoas idosas e sem recursos, bem como maiores oportunidades educacionais, foi aprovado pelo Congresso e obteve pleno êxito. O mesmo não se pode dizer da questão racial, ainda efervescente. A violência social chegou ao limite extremo em 1968, quando foram assassinados, sucessivamente, o líder do movimento pacífico negro, Martin Luther King, e o senador Robert Kennedy, irmão de John e candidato democrata às eleições presidenciais.

Como conseqüência, os movimentos negros substituíram o pacifismo pela violência, surgindo várias facções radicais, como, por exemplo, a dos *Black Panthers* (Panteras Negras). Novos líderes se destacaram, entre eles Malcom X e Stokley Carmichael. No movimento denominado *Black Power* (Poder Negro), a violência era considerada uma tática aceita como necessária e indispensável.

O desgaste de Johnson devido à Guerra do Vietnã, que se tornara extremamente impopular, permitiu a vitória de **Richard Nixon** (republicano, 1968-1974), duas vezes vice-presidente na chapa de Eisenhower e candidato derrotado por Kennedy. Ao ser eleito, sua principal promessa ao povo americano era pôr fim ao conflito do Vietnã.

Em 1972, num gesto espetacular e cuidadosamente preparado por seu secretário de Estado,

Henry Kissinger, Nixon visitou a China. Foi em seguida à União Soviética, procurando alcançar um equilíbrio das forças estratégicas norte-americanas e soviéticas, com mútuo respeito pelas zonas de influência. Na sua visita a Moscou em 1972, assinou o acordo SALT (Tratado de Limitação de Armas Estratégicas), o qual determinava o congelamento dos armamentos nucleares, ao mesmo tempo que definia o relacionamento entre as duas Alemanhas.

O ano de 1972, porém, também foi o ano do *escândalo de Watergate*, quando ficou comprovado que o presidente Nixon estava envolvido no episódio de espionagem, por parte do Partido Republicano, na sede do Partido Democrata, localizada no edifício Watergate, em Washington. Em decorrência, no ano de 1974 Nixon decidiu renunciar a seu mandato, sendo substituído pelo vice-presidente, **Gerald Ford** (republicano, 1974-1976).

O prestígio eleitoral dos republicanos estava sensivelmente abalado. Isso explica a fácil vitória de **Jimmy Carter** (democrata, 1976-1980), cuja plataforma política se assentava no princípio de respeito absoluto aos direitos humanos, o que levou à retirada da ajuda militar americana a países como a Argentina, o Uruguai e a Etiópia. Uma séria crise internacional ocorreu em 1980, quando a embaixada americana em Teerã foi tomada por guerrilheiros muçulmanos, e os americanos foram feitos reféns; os Estados Unidos adotaram sanções contra o Irã.

Candidato à reeleição, Carter foi derrotado por **Ronald Reagan** (republicano, 1980-1988). No seu primeiro período presidencial, que se encerrou em 1984, Reagan conduziu a economia do país com muito êxito. A fácil reeleição de Reagan em 1984 foi, em grande parte, resultado do desempenho da economia americana sob uma administração republicana. A inflação em 1983 atingira apenas 3,8%, a menor em uma década; o PNB crescera 7,5%, índice muito superior aos 5,7% previstos; em julho de 1984 o dólar alcançava alta recorde em relação às moedas fortes européias.

Graças à aprovação popular obtida pela política econômica de Ronald Reagan, o candidato republicano **George Bush** venceu as eleições presidenciais de 1988. Na Guerra do Golfo (veja página 371), Bush recuperou o prestígio militar americano. Mas a situação econômica piorou durante seu governo, afetando praticamente toda a população. Por causa disso, Bush não conseguiu se reeleger presidente em 1992, perdendo as eleições para seu adversário, **Bill Clinton**, do Partido Democrata.

A política externa

Em linhas gerais, as relações internacionais até meados dos anos 80 foram marcadas pela forte competição entre o bloco capitalista e o bloco socialista, representados pelas duas superpotências, Estados Unidos e União Soviética. Foram marcadas também pelo choque entre as nações ricas e as nações pobres, as desenvolvidas e as subdesenvolvidas, as antigas metrópoles coloniais e as colônias recentemente independentes.

A proliferação das armas atômicas, a multiplicação dos arsenais, a difusão do conhecimento da fissão nuclear por numerosos países e mesmo o surgimento de novas forças no cenário político mundial conduziram ao agravamento das tensões. Dentro do próprio bloco socialista, a China passou a disputar a liderança com a União Soviética.

Nas relações dos EUA com a URSS, pode-se dizer que em 1953 a guerra fria entrou em fase de relaxamento, tendo início a política de *coexistência pacífica* entre os dois países. A partir de 1960, porém, o relacionamento americano-soviético voltou a ficar tenso. Nesse ano foi abatido sobre território soviético o avião de reconhecimento U-2. No ano seguinte teve início a construção de um muro em toda a extensão da cidade de Berlim, separando o lado ocidental do oriental.

A esses incidentes internacionais veio somar-se o bloqueio norte-americano a Cuba, para obrigar o desmantelamento das bases de mísseis instaladas pelos soviéticos naquele país. O mundo viveu momentos de aflição e esteve às portas de uma III Guerra Mundial. Paralelamente, ocorriam cisões no interior dos dois blocos: os chineses rompiam com os soviéticos e a França retirava-se da OTAN, após romper com os americanos.

Em meio a essas crises, as duas superpotências decidiram adotar, a partir de 1965, uma política de *distensão* (*détente*) nas relações internacionais, cuja finalidade era preservar o equilíbrio entre os blocos rivais e as respectivas hegemonias dentro de cada bloco. As manobras de aproximação tiveram início com os tratados para impedir a

proliferação das armas nucleares, o que garantia a preponderância de cada uma das superpotências nucleares sobre uma parcela do globo terrestre. Essa política foi estimulada pelo secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger.

O degelo nas relações internacionais, interrompido em 1980 com a invasão do Afeganistão pela URSS e a decisão de Reagan de instalar mísseis de médio alcance na Europa, foi retomado a partir de 1985, quando Gorbachov assumiu o poder na União Soviética. Iniciou-se então o processo de aproximação entre os dois blocos, que culminaria com o fim da guerra fria. Esse fato ficou patente na tomada de posição da URSS diante da queda dos regimes comunistas na Europa oriental e, sobretudo, em sua aprovação às sanções da ONU contra o Iraque na Guerra do Golfo.

A economia americana nos anos 90

A partir da década de 80, a economia americana passou a enfrentar a concorrência da economia européia e, sobretudo, da economia japonesa. As grandes empresas do Japão, graças a uma política de estímulo do governo, passaram a exportar maciçamente para os Estados Unidos. Os preços baixos dos produtos japoneses, sobretudo automóveis, televisores, rádios, aparelhos de som e outros artigos eletrônicos, favoreciam as vendas, que cresciam continuamente. Ao mesmo tempo, muitas empresas do Japão passaram a construir fábricas nos Estados Unidos. Diante disso, diversos setores da economia americana sofreram sério abalo diante do concorrente japonês. Um dos setores mais afetados foi o da indústria automobilística. Os carros japoneses chegaram a representar 23% do mercado americano.

Os Estados Unidos levaram alguns anos para reverter esse quadro. Mas entraram na década de 90 numa posição altamente favorável. A indústria automobilística voltou a ocupar o espaço perdido. Outros setores conheceram uma vigorosa retomada de suas atividades.

A principal característica da economia americana atualmente é seu elevado estágio de desenvolvimento. Um exemplo disso é que praticamente 100% da produção de *software* do mundo está nos Estados Unidos, onde grandes empresas dominam o setor. A fabricação de computadores hoje é predominantemente americana. Também as áreas de telecomunicações, de produtos de multimídia, as chamadas infovias (gigantescas redes de comunicação por cabos de fibras óticas), a produção de *chips* para computadores estão sediadas nos Estados Unidos.

2. Europa ocidental: a busca da união

Com o fim da II Guerra Mundial, a Europa ocidental perdeu a posição proeminente de antes da guerra. Os principais países estavam esgotados e arruinados. Ao mesmo tempo, os países da Europa oriental alinhavam-se com a União Soviética, afastando-se dos países da Europa ocidental. Passavam a fazer parte do bloco socialista.

Os primeiros anos após a guerra foram dedicados à reconstrução. Os Estados Unidos estavam preocupados com o perigo do avanço do comunismo e da influência da União Soviética. Por isso, organizaram um gigantesco plano — o **Plano Marshall** — destinado a financiar a reconstrução da Europa, em especial da Alemanha Ocidental.

Através do Plano Marshall, os Estados Unidos investiram cerca de 13 bilhões de dólares na recuperação da Europa ocidental. Os resultados apareceram em pouco tempo. A atividade econômica foi se reestruturando rapidamente. As cidades foram sendo reconstruídas. Estradas, ferrovias, rodovias e portos voltaram a funcionar.

Mas não bastava a recuperação econômica. Os governos dos principais países da Europa ocidental estavam preocupados em garantir a paz, ou seja, em evitar novos conflitos capazes de causar destruição e morte. Assim, o caminho a seguir deveria ser o da união. Começava a se formar a idéia de união dos países da Europa.

Com este objetivo, foi criado em 1949 o **Conselho da Europa**. Tinha como finalidades preservar a liberdade e a democracia e garantir o respeito às leis internacionais. A união da Europa era então vista tanto como meio de evitar novas guerras como de escapar da dominação das superpotências — Estados Unidos e União Soviética.

Uma nova iniciativa foi tomada em 1950 pela França e Alemanha. Seus respectivos governos firmaram um acordo em torno das indústrias do carvão e do aço, vitais para a economia dos dois países. Era a Comunidade Européia do Carvão e do Aço. Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo se juntaram à França e à Alemanha nesta associação.

Um novo e importantíssimo passo foi dado com a criação da **Comunidade Econômica Européia** (CEE), em 1957. Seus fundadores eram os mesmos da Comunidade do Carvão e do Aço. A Inglaterra foi inicialmente vetada pelo presidente da França, Charles de Gaulle. Mas em 1973 sua admissão se concretizou, junto com a da Dinamarca e Irlanda. No final da década de 80 a Comunidade tinha doze membros, graças ao ingresso de Portugal, Espanha e Grécia.

A CEE se ocupou inicialmente em desenvolver políticas comuns na agricultura, no comércio e na imigração. Progressivamente, foi eliminando as barreiras alfandegárias entre os países membros. As últimas dessas barreiras foram extintas em 1968. Chamada usualmente de Mercado Comum Europeu (MCE), a Comunidade tornou-se, assim, antes de tudo uma união aduaneira, ou seja, um espaço de livre circulação de mercadorias e de pessoas, em que a cédula de identidade passou a substituir o passaporte.

Mas foi no terreno da agricultura que mais se fizeram sentir os resultados da política implantada pela CEE. Três pontos sustentavam a política agrícola comum:

- preços iguais dos produtos agrícolas de todos os países membros;
- proteção aos agricultores da Comunidade contra a concorrência de produtos externos;
- garantia de uma renda mínima aos agricultores, mediante a criação de um fundo financiado pelos países membros.

Os preços dos alimentos se estabilizaram e a produção cresceu. O nível de renda dos agricultores subiu substancialmente a partir da década de 60. Mas essa política teve também aspectos negativos: por um lado, sobrecarregou o orçamento da Comunidade; por outro, ocasionou um excesso de grãos e de carne.

Em 1992, pelo Tratado de Maastricht, a Comunidade Econômica Européia passou a designar-se **União Européia**.

Tratava-se de um passo a mais na direção de uma Europa unida, formando um mercado único, com moeda única e um sistema financeiro e bancário único. Novas medidas passarão progressivamente a entrar em vigor, unificando também sistemas de defesa, de combate ao crime, leis trabalhistas, etc. No início de 1995 foi liberada a circulação de cidadãos franceses, alemães, belgas e holandeses entre suas respectivas fronteiras, sem necessidade de apresentar nenhuma identificação. E novos membros foram admitidos a partir de janeiro de 1995: Áustria, Finlândia e Suécia.

Por outro lado, com o fim do bloco soviético, diversos países da Europa oriental passaram a pleitear ingresso na União Européia.

Um problema que permanece é o da unidade monetária. Uma moeda única foi criada: o ECU (European Currency Unit). Sua adoção deverá efetivar-se até 1999. Mas enormes dificuldades estão previstas, tornando incerta a moeda única. A principal dificuldade é representada pela existência de moedas fortes e moedas fracas no seio da União, bem como de pressões inflacionárias em diversos países.

Desde a unificação da Alemanha, em 1990, a União Européia representa um mercado de 340 milhões de pessoas, o que a torna maior que os Estados Unidos.

Questões propostas

1. Em que campo se manifestou a hegemonia dos EUA após a I Guerra Mundial?

2. Que traços apresentou o capitalismo americano a partir de 1880?

3. Cite alguns elementos que evidenciam o elevado grau de bem-estar da sociedade americana a partir da década de 50.

4. Caracterize a estrutura da sociedade norte-americana.

5. O que foi e onde surgiu o movimento *hippie*?

6. Depois de 1945, qual foi o candidato a presidente cuja campanha se distinguiu das anteriores?

7. Em que se distinguiu a presidência de Richard Nixon?

8. O que caracteriza a economia americana nos anos 90?

9. Quando foi criada e o que era a Comunidade Econômica Européia?

10. Qual foi o passo seguinte à Comunidade Econômica Européia?